

INTOXICAÇÃO NATURAL DE BOVINOS POR *CESTRUM LAEVIGATUM*

Júlia Teixeira Caires¹, Douglas Estevez Gonzales Fazio²

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – Contato: teixeiracairesj6@gmail.com

²Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Com uma estimativa de mais de 202 milhões de cabeças de gado até 2022, o Brasil ocupa a 1 posição no ranking mundial de maior rebanho comercial de bovinos do mundo, posição essa, que vem sendo mantida desde 2004. Sendo os pastos a principal forma de alimentação desses animais no país, porém, os mesmos pastos que são fonte de alimento, também comportam alguns perigos, como é o caso das plantas tóxicas que é um dos principais riscos para a saúde dos bovinos adultos¹.

O objetivo deste trabalho é descrever a intoxicação por coerana, *Cestrum laevigatum*, para auxiliar na identificação em outras propriedades rurais. Visto que, os pastos precisam de um bom manejo para evitar o crescimento de plantas tóxicas, evitando impactos econômicos.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Plantas tóxicas com característica hepatotóxica em pastos são uma realidade em todo o Brasil², acometendo normalmente bovinos, visto que não são animais seletivos na alimentação. No estudo em questão, 3 bovinos mestiços de Holandes e Gir, sendo eles ¼ de holandes e ¾ de gir, morreram de intoxicação por *Cestrum laevigatum* (dama da noite, coerana). Sendo um arbusto em que a ingestão está diretamente relacionada à escassez de forragens, visto que não tem palatabilidade, porém permanece verde com brotos, frutos jovens e floração, mesmo nas épocas de seca, o que faz com que ela se destaque em meio às demais e gere interesse no animal de consumi-la⁵. Ela é encontrada particularmente no sudeste, nesse caso, em uma propriedade localizada em Minas Gerais, próximo a capital Belo Horizonte. Esses animais estavam a alguns dias, em um pasto que tinha a presença da planta, sem que o proprietário ou os colaboradores soubessem. Esses animais foram mantidos sem o trato (a propriedade utiliza o sistema semi-intensivo, ou seja, os animais ficam no pasto, mas também recebem alimentação balanceada nos cochos) por 24h, com o intuito de facilitar a entrada do animal no curral e no tronco durante um curso de palpação transretal e ultrassonografia que seria ministrado na fazenda, já que no momento do curso seria oferecido comida. No entanto, na manhã do curso, no momento que um colaborador foi buscar o lote que seria levado para o curral, encontrou uma das vacas morta no pasto e sem saber o motivo da morte, o restante foi levado para o curral.

Nesse curral havia 10 troncos. Inicialmente entraram⁸ animais no tronco de forma rápida, enquanto a última correu, na tentativa de não entrar, o que iniciou o estresse para o animal e antes que ela entrasse, caiu no chão apresentando quadro de tremores musculares, dorso arqueado, desidratação¹⁰, dispneia e ataxia⁶, levando-a a óbito rapidamente. Então foi levada outra vaca para substituí-la e o curso foi feito normalmente, sem mais intercorrências. No entanto, no segundo lote que entrou, havia uma vaca prenha, que após algumas palpações, começou a apresentar os sinais da intoxicação, sendo eles, excitação, raiva e ataxia, por isso, foi decidido parar a palpação e retirá-la, entretanto, ela não saiu e foi necessário que os funcionários a retirassem, o que aumentou o estresse, o animal perdeu a propriocepção e caiu dentro do tronco, no chão, iniciou-se a dispneia, o nistagmo, a sialorréia. O veterinário responsável tentou intervir com antitóxico, entretanto não foi possível reverter o quadro e o animal veio a óbito.

Quando o diagnóstico é realizado precocemente, o tratamento das intoxicações em ruminantes deve iniciar com a imediata interrupção da ingestão da planta tóxica. Em seguida, recomenda-se a administração de glicose³, uma vez que o fígado, frequentemente comprometido nestes

casos³, desempenha papel crucial na manutenção da glicemia. A disfunção hepática pode levar à hipoglicemia severa, agravando o quadro clínico do animal. A utilização de antitóxicos³, como o carvão ativado, é indicada para reduzir a absorção das toxinas presentes no trato gastrointestinal⁸. Além disso, a suplementação com complexo de vitamina B³ auxilia na recuperação das funções neurológicas, pois essa vitamina é essencial para a condução dos impulsos nervosos⁷. Em ruminantes, a síntese endógena de vitamina B ocorre principalmente pela microbiota ruminal⁴, que pode ser afetada durante a intoxicação, resultando em atonia ruminal e desequilíbrio na produção dessa vitamina. A administração de cálcio também é recomendada, pois este mineral estabiliza as membranas celulares³, especialmente as de nervos e músculos, sendo fundamental para animais que apresentam sintomas como ataxia e tremores musculares⁷.



Figura 1: Planta encontrada no pasto da fazenda, conhecida como coerana ou dama da noite, *Cestrum laevigatum*

Como formas de medidas profiláticas, recomenda-se, a eliminação das espécies tóxicas da área⁹, arrancando-as, aplicando herbicidas, colocando animais não suscetíveis à toxicidade daquela invasora para pastejar na região, como forma de controle biológico, ou ao menos, isolar a área com cercas⁸, como medida temporária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

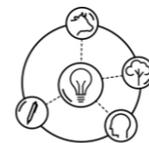
Com o intuito de diminuir as incidências dessa intoxicação, para que não haja mais perdas por parte do produtor, seja por meio da diminuição da produção dos animais infectados, seja pela morte dos mesmos, recomenda-se eliminar qualquer vestígio dessa planta no pasto, cortando e colocando fogo de forma controlada na área, assim como foi feito na propriedade. Com relação aos animais, tirá-los do pasto infectado, manter um manejo menos estressante, mantê-los em um local que gere conforto, incluindo térmico, para que nenhum tipo de estresse possa desencadear uma reação da intoxicação. Em relação a possíveis tratamentos, estudos apontam que para animais que apresentaram sintomatologia clínica, pode se usar medicações de suporte, como, soluções de glicose e/ou antitóxico, cálcio e vitaminas do complexo B, durante 3 a 5 dias, gerando melhora significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 ATAÍDE, Glauciana M. PLANTAS TÓXICAS A BOVINOS: ANÁLISE DOS PROCESSOS DE DISPERSÃO E REGENERAÇÃO DAS ESPÉCIES. Agrarian Academy, 2019.

2 BARBOSA, Francisca M. S. INTOXICAÇÃO NATURAL E EXPERIMENTAL POR *Cestrum laevigatum* (SOLANACEAE) EM

XIV Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



BOVINOS NO AGRESTE DA PARAÍBA, BRASIL. Universidade Federal da Paraíba, 2016.

3 COUTINHO, Luiz T. et al. INTOXICAÇÃO NATURAL DE BOVINOS LEITEIROS POR *Cestrum laevigatum* (SOLANACEAE) NO AGRESTE DE PERNAMBUCO – BRASIL. Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2013.

4 FERREIRA, Joyanne Mirelle de Sousa et al. Vitaminas e minerais na nutrição de bovinos. *Revista Colombiana de Ciencia Animal - RECIA*, v. 15, n. 2, p. e969, jul./dez. 2023.

5 JÚNIOR, Everaldo M. PLANTAS HEPATOTÓXICAS: OCORRÊNCIA DE *Crotalaria retusa*, *Cestrum laevigatum* e *Tephrosia cinerea* NAS REGIÕES DE TRAIRÍ POTIGUAR E CURIMATAÚ PARAIBANO, Universidade Federal da Paraíba, 2020.

6 MARINHO, Jéssica B. R. IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS TÓXICOS DE *Cestrum axillare* (*Cestrum laevigatum*). Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

7 NELSON, David L.; COX, Michael M. Princípios de Bioquímica de Lehninger. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

8 RIET-CORREA, F.; MORAES, J. A.; MORAES, L. A.; SANTOS, A. S.; SANTOS, M. F.; RIBEIRO, M. G.; LOPES, C. W. G.; LIMA, J. S. Intoxicações por plantas em ruminantes no Brasil e no Uruguai: importância econômica, controle e riscos para a saúde pública. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, v. 21, n. 1, p. 1-11, mar. 2001.

9 TOKARNIA, Carlos H. et al. Plantas tóxicas do Brasil. Helianthus, Rio de Janeiro, 2000.

10 VIDAL, Thereza C. F. INTOXICAÇÕES POR MAMONA (*RICINUS COMMUNIS*) EM BOVINOS NO MUNICÍPIO DE PORTEIRAS – CE. Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2019.